

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Esterqueiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 186-187. ISBN: 972-774-133-9.

## **Esterqueiro.**

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Ajuntando o estrume na moita dos tanques, Esterqueiro, Estrumeiro, Juntando estrume, Rapão.

O *Esterqueiro* ou *Estrumeiro* era um trabalhador de grande importância para o bom funcionamento urbano, pois recolhia os excrementos das casas, à falta de esgotos canalizados, e também os que os animais depositavam nas ruas. Considerando que a base do sistema de transportes era a tracção animal, pode imaginar-se como as ruas das cidades e vilas ficavam sujas e isto ainda era uma realidade em pleno século XX. O produto da recolha era levado para os campos, para esterqueiras ou estrumeiras (no Minho usa-se o termo esterquice), locais onde era misturado com outros dejectos de animais e detritos como palhas, ramos e lixos domésticos. O resultado da fermentação deste conjunto era o estrume, que era usado como fertilizante natural na agricultura. Em meio rural, praticamente todas as unidades agrícolas possuíam a sua esterqueira, que também podia ter a designação de nitreira, lugar onde se formam os nitratos essenciais à adubação das terras. Às nitreiras iam parar os líquidos que escorriam dos estábulos.

Na grande lavoura alentejana, eram geralmente os diversos **Ganadeiros\*** que se ocupavam da condução dos dejectos dos animais estabulados para a nitreira. Por outro lado, os animais que pastavam nos campos faziam a adubação directa enquanto pastavam nas terras deixadas em pousio. Contudo, em alturas específicas era frequente a contratação de pessoal eventual para distribuir o estrume pelos campos. Assim, na Lavoura de Rio Frio, em Alcochete, 1870, há trabalhadores “Juntando estrume”. Em Alcácer, na lavoura de Palma em 1872, encontramos mulheres na “condução de estrume” e a “espalhar estrume”.

O termo esterqueiro propriamente dito era mais usado pelo indivíduo que levava os dejectos humanos e animais para as esterqueiras, como o que foi encontrado nos Registos Paroquiais de Avis, em 1791.

Benjamim Pereira, no seu artigo sobre “Fertilizantes Naturais”, faz um apanhado de toda esta problemática, sobretudo para o norte de Portuga (*in* Oliveira, 1995). Salienta que antes da adubação química, a adubação natural era fundamental e os vários materiais utilizados eram muito valorizados. Em Ovar, por exemplo, havia o moliço, apanhado pelos moliceiros. Em Bragança, a adubação da terra fazia-se por concentração de gado miúdo: era a chamada estrumação a bardo que “consiste em manter o rebanho encerrado durante a noite em bardos ou redis móveis no terreno que se pretende estrumar. As cancelas ou redes são mudadas duas vezes por dia na Primavera e uma só nas restantes estações, de maneira a cobrir com toda a regularidade o terreno”. Nas aldeias deste concelho, “certos pastores tomavam conta de gado de outros vizinhos sem qualquer compensação além do frago deixado nas terras que eles próprios agricultavam (...) Nos contratos entre proprietários de rebanhos e pastores, quando estes não auferiam ordenado em numerário, o estrume figurava como parte compensatória significativa.” Em Viana do Castelo os sargaceiros recolhem o sargaço, um tipo de alga que cresce sobre os rochedos das costas, donde se desprende para o mar que o deposita nas praias. No norte, em geral, “A recomposição dos solos, submetidos a culturas sucessivas, exigia maiores cuidados e, por isso, os dejectos de pessoas e animais em combinação com matos e palhas eram alvo de maior atenção (...) “havia pessoas que apanhavam a bosta deixada pelos animais que circulavam nos caminhos da aldeia. E, quando ocorriam chuvadas após um tempo seco mais ou menos longo, a enxurrada era desviada aqui e além, pelos interessados, para dentro das terras limítrofes (...) Na parte sul da Gândara, recorria-se a estrumes de gado vacum e cavalos, curtido com palhas de milho e arroz, dos campos do Mondego, que se ia buscar em carros de bois e, mais tarde, em camionetas (...) Em certos aglomerados urbanos, o estrume à base de dejectos humanos contidos em fossas, era recolhido por camponeses das aldeias vizinhas, em grandes quantidades, transportado em grandes caixotões especiais montados em carros de bois. (...) A relação que algumas aldeias mantinham com a ‘merda da cidade’ caracterizava, pejorativamente, sobretudo as raparigas solteiras envolvidas, directa ou indirectamente, nesse trabalho.”